

A ILLUSTRACÃO

REVISTA QUINZENA PARA PORTUGAL E BRAZIL

PARIS

ESCRITORIO, 6, rue Saint-Petersbourg
Angeles
ANNO. 24 francos
SEMIANNUO. 12 "
AVISO. 1 "
No resto da Europa 14 francos por trimestre e 20 francos por anno.

1.^o Anno. — Volume 1. — Numero III.

PARIS 5 DE NOVEMBRO DE 1884

Director: MARIANO PJEVA

RIO DE JANEIRO

GAZETA DE NOTICIAS, 70, R. do Ouridor,
Assinaturas

ANNO. 12 \$ 000
SEMIANNUO. 6 \$ 000
ANNO. 14 \$ 000
AVISO. 5 \$ 000



NOVEMBRO. — Quadro de Jenaudet. — Gravura de Baude

AVISOS

OMHO os paquetes das Messageries Maritimes que saem de S. Pedro em 5 de cada mes deixam de tocar no Rio de Janeiro a partir de novembro, para se recomparem o seu serviço em 5 d'abril, — es numeros da ILUSTRAÇÃO respectivos ao dia 5 de cada mes passam a ser expedidos para o Brazil pelo primeiro paquete da companhia do Pacifico que tocar em Bordeaux. É o que já succede com este numero.

O serviço para Portugal não soffrê a menor interrupção.

SUMMARY

TEXTOS: Chronica, por Mariano Pina. — Fátua (poesia) por Valentim Magalhães. — As nossas gravuras: Novembro, Hans Makart. Um cantor árabe, Castello de Gualdim Pães, Fim d'Estação. — O amor, por Jules et Edmond de Goncourt. — De viagem (poesia) por Filinto d'Almeida. — Guilherme d'Advevedo, por Filinto d'Almeida. — Altar sem Deus (poesia), por Luiz Bellino. — Notas e impressões. — Theatros, por J. Miranda. — Passa-tempo.

GRAVURAS: Novembro, quadro de Jenuudet, gravura de Brude. — Hans Makart. — Funerias de Hans Makart em Vienna. — ARTE ITALIANA: Um cantor árabe, quadro de Domenico Morelli. — Capota de Diana, quadro de Hans Makart. — PORTUGAL: Castello de Gualdim Pães, desenho de Grano, gravura de Heitor. — Fim d'estação, quadro do Buez.

CHRONICA

Em folhetins e em chronicas litterarias de jornaes portuguezes que regularmente recebo em Paris, além d'um excessivo abuso de palavras e phrases francezas embutidas em todos os periodos e que deixam advinhar, da parte de quem as escreve, um desejo banal de querer ser distincto, chic, mundano — tenho encontrado tambem como a mais elevada expressão de fina elegancia litteraria appropriação ao meio lisboense de termos do calão de Paris, que destruem comicamente pelo constante mau emprego.

E achel que seria curioso tratar do assumpto diante d'um publico a quem fallam todos os dias os respectivos chronicistas em *gommeux*, em *grelotteux*, em *boudinés*, em *pschutt*, em *v'lan*, em *gratin* — quando o publico só sabe que existe o *marinista*, o *janota*, o *catita* e a *vida airada!*...

Ora toda esta sociedade do mais fino *pschutt* e do mais fino *v'lan* é a sociedade a mais equivooca e a mais falsa e a mais perigosa de Paris.

Os homens são uns sujeitos que a maior parte das vezes não podem fazer uso do seu nome, e usam d'um supposto para illudir a policia.

São todos jogadores. Aos vinte annos tinham já feito tantas dividas, e tinham tantas vezes vexado os paes passando no lado das irmãs com as amantes de braço dado, que os paes se vitam obrigados a expulsal-os de casa e annunciar pelos jornaes de maior circulação — que não respondiam pelas dividas que elles contrahissem.

Expulso de casa, foram habitar com a amante á custa de quem começaram a viver, escondendo-se atraz dos reposteiros da sala, quando alguma se visita de dia. Como precisam de dinheiro, como precisam entrar no café e no restaurante da moda, appare-

cer em todas as primeiras representações, ás praias onde vac a alta sociedade, ás cidades d'aguas, no inverno a Nice, e a Monaco, — correm aos *tripots*, ás casas onde se joga a roleta e o *baccarat*, e ahí passam as noutes, fazendo combinações, inventando estratagemas, marcando cartas, usando de bacalhós falsos quando a *sorte* os não protege... o que lhes vale de tempos a tempos um bom par de bengaladas, um escarro, ou meia duzia de ponta-pés. Quasi sempre a policia os mette em Mazas onde vão passar o resto da existencia ou a fazer capachos ou a escrever cintas para jornaes (1) quando se não lembram uma madrugada ou de se atirar ao Sena ou de metter uma bala nos miolos. Ou temos de os ver entrar em Mazas ou temos de os ver em exposição na Morgue — para se reconhecer a identidade do cadaver.

Quasi todos os homens do *pschutt* e do *v'lan* constituem um bando de vadios sem nome e sem credito, que vivem apenas do jogo, das amantes, ou d'uma pensão que lhes dá uma pobre senhora com fortuna que encontrou um d'estes bandidos na sociedade, com quem teve a infelicidade de se casar, e de quem se divorciou no dia immediato ao do casamento!

As mulheres do *pschutt* e do *v'lan*, essas apregoadas creaturas que descem todas as tardes os Campos Elyseos, radiantes, provocadoras, throneando a sua belleza sensual em cima d'um ligeiro phaeton tirado por um bello cavallo inglez, cujas redeas ellas seguram pondo em evidencia as luyas brancas bordadas a preto — valem perfeitamente os homens do mesmo mundo...

Ou são mulheres que teem subido com o vicio, ou são mulheres que para lá desceram.

Aos quinze annos vieram dos lados de Clichy ou dos lados de la Villette, em bandos de trez e quatro, até nos *ateliers* de costura da rua 4 de Setembro e da rua Richelieu.

As sete horas da tarde, quando fecham os *ateliers*, o bando caminhava alegremente ao longo dos boulevards, parando em frente da riqueza febril das montras, atrahido pelas joias que nos olham com a provocação das suas mil scintillações de cores diferentes, — espreitando para dentro dos cafés gloriosamente illuminados, donde sae um imenso rumor de gargalhadas felizes, de conversas altas, de gritos de criados e do tilintar de crystaes sobre mezas de mármore.

O bando era fresco e bonito e louro e estouvado. Quando passava, a rir francamente de todas as cousas comicas que se cruzam n'este immenso Paris, os homens voltavam-se atrahidos pela frescura d'aquellas gargalhadas tão vivas. E pouco a pouco foram apparecendo *ces bons messieurs* que dizem amabilidades, que dão respeitosa-mente as bõas noutes, que offerecem a sorrir o braço esquerdo, que deixam ver a estes olhinhos ambiciosos de grandezas um anel com um brilhante e uma fita qualquer na banda do *pardessus*.

(1) Não só os jornaes de Paris, mandam escrever as cintas, pelos presos, como tambem os grandes armazens sobrescritar as suas remessas de catalogos. Escrever mil nomes a mill moradas e trabalho que se paga aproximadamente com 200 reis...

Os primeiros amôres foram com estudantes. Era uma tarde de junho, d'estas bõas tardes de junho tão brancas, tão tranquillias, tão doces, que se prolongam até ás oito. O bando saiu mais cedo do *atelier*. Os estudantes deram o braço ás costureiritas, e lá foram todos até ao caes para descerem o rio n'um *bateau-mouche*.

Já era tarde para ir a Meudon ou a Saint-Cloud. E desceram no Trocadero, e foram sentar-se sobre a relva fôfa, divagando sobre cousas alegres, fallando de futuros tranquiillos, d'amôres eternos (?) d'uma existencia passada n'um quarto cheio de sol d'um sexto andar do Luxembourg, onde se havia de ouvir dia e noute a musica feliz dos beijos apaixonados.

Tudo isto é delicioso — a principio.

Mas o estudante infiel desaparece um mez depois, quando já se abandonou a vida do *atelier*, quando se teem passado muitas noutes na folia desordenada das quintas-feiras do Bullier, quando já se teem visto de perto as elegantes do *outro lado*, ruidosas de sêdas, carregadas de brilhanteas, tendo ao lado de *ces bons messieurs* que mandam abrir garrafas de champagne e que pagam tudo com bilhetes de cem francos.

E começa então a existencia difficil, a lucta pelo dinheiro, o estomago berrando que tem fome.

O inverno chega. As manhãs são negras e as noutes bem frias. É necessario alugar um quarto ou alugar um *appartement*. É necessario fazer a sua previsão de carvão. E começam os tristes almoços de batatas fritas, e as tristes caminhadas para o *Mont-de-Piété*. É naturalmente aceita o primeiro braço que lhe offerecem ao voltar d'uma esquiua!

Cinco annos mais tarde, se a Fortuna lhes sorrio, disfarçada n'um velho millionario ou n'um principe imbecil, são estas raparigas que formam a tão apregoadã legião das mulheres *pschutt* e das mulheres *v'lan*.

São ellas que apparecem pelas frisas dos theatros na moda, pelas avenidas do Bosque, pelas corridas de cavallos, e pelas salas do *Café da Paç*. São ellas as deliciosas parisienses de que fallam com enthusiasmo o *Gil-Blas* e o *Echo de Paris*. São ellas que andam photographadas nas paginas do *Boulevardier*. São ellas que teem palacete para os lados dos Campos-Elyseos e do parque Monceau, que recebem nas suas salas o estrangeiro ingenuo e a mocidade rica de Paris que vac sentar-se ás suas mezas de jogo, onde meia duzia de harapios de cascaca fazem um *baccarat* com cartas marcadas.

São ellas as amantes celebres de todos aquelles que só teem a celebridade em Paris por possuirem taes amantes...

E se as mulheres do *pschutt* e do *v'lan* não vieram de Clichy nem de la Villette para o grande centro da vida parisiense, então ainda é peor a sua procedencia. São o bando impudente das adúlteras que á maneira do personagem de Sardou gritando orgulhosamente nas *Pattes de mouche* « sou eu o marido illudido! » — vão para os bailes publicos de braço dado com os amantes, sujando por todos os lados o nome que lhes não pertence.

Mas todos... todos... homens e mu-

heres do *pschitt* — formam uma camada uquiavoca, imbecil e perigosa de frequentar.

Se os vemos à meia noite às mezas dos cafés da moda, tomando um chocolate ou saboreando uma salada russa ou uma *perutz* tartada, todos tem o ar de príncipes milionários. — tal é a majestade das suas cumismas, a correção das casacas, o branco immaculado das gravatas, a *physionomia* fria e desdenhosa, o olhar perdido em cousas indifferentes. Tratados de perto, não tem um nome, não tem uma profissão nem uma ideia, nem uma nota de mil francos na carteira de setim.

As mulheres, muitas mesmo d'estas illustres do *pschitt*, não sabem escrever... É a professora de piano de que falta Roqueplan que as lias lê todas as manhas, á hora da lição, as cartas que todos os apaixonados lias mandaram na vespada e quem escreve também as respostas.

Conta Roqueplan :

Que finalizando as lições de piano ao meio dia, um *gentleman* mandava uma carta a uma *cocotte*, á uma hora e trinta e cinco, convidando a *partir* ceiar naquella mesma noite. E encontrava de tarde a *pschitt* leuse :

— Posso contar consigo ?

— Meu caro, responde ella com uma deliciosa ingenuidade, tezi amanha a honra de lhe responder !..

E no que diz respeito aos antepassados da mulher *pschitt*, conta-se que o duque de M... actualmente muito na voga, queixava-se ha dias a uma deliciosa *parisienne* da insolencia do seu guarda-portão.

— Minha amiga. Deve pôr na rua aquelle sujeito... e quanto antes. É um porteiro perigoso.

— Já pensei nisso, já... Mas que que? É mau tio!

MARIANO PESS.

FATMÉ

A LUÍZ MURAT

Quando meus labios nos teus labios tomas
Nuns beijos quentes, fundos, demorados,
Sinto os nervos tangidos, repassados
De estranhas sons, de câmbios aromas,

De uns effluvios electricos, pesados,
Como um leite de gozo em virgens pomas
Bebido! E os meus desejos revoltados,
Com a castidade dos teus olhos — domas.

Ah! Fatmé! Teu moreno e flavelle veio,
Qual sob a nevoa o Ganges adormido,
Offega sob o veu alvo epidico...

Santo-me um príncipe orgulhoso e rico,
Que dos Hindús e Soudras precedido,
Para bñfjarate os pés do longo veio!

Rio do Janeiro.

VALENTIM MAGALHÃES.

AS NOSSAS GRAVURAS

NOVEMBRO

O quadro de Jemoulet foi um dos grandes e mercediosos successos do Salon de Paris de 1863. O assumpto tratado por este fino e delicadissimo artista é chefo d'uma melancolica poesia e irresistivel.

Para o palco d'um casa modesta, junta d'uma grande purga caída de fresco aquecida pelas ultimas rains d'um sol outonal, a avó traue a netinha quasi moribunda para que ella aliada veja mais uma vez o palacio azul do ceu. Os olhos supplicantes parecem pedir á luz ainda alguns dias de vida; e deixa calar das mãos as ultimas fibres que amantã talvez a hão-de ver partir para o tumulo.

A avó envolve com um olhar profundo e desolado a pobre creança cuja alma se está evolvendo. E parece adivinhar os dias que lhe restam para contemplar a *physionomia* amada d' aquella que é toda a sua vida, que merce todos os seus carinhos e todos as seus affectos.

É todo um poema de sentimento verdadeiro este magnifico quadro. O successo que elle obteve em Paris mereceu-o bem, por que poucos vezes um artista deixou transparecer na sua obra tanto talento, tanta delicadeza de composição e de desenho, tanto sentimento, como Jemoulet no seu quadro *Novembro*.

Se os nossos leitores não podem apreciar todos os encantos do colozido, resta-lhes a belleza do desenho, religiosamente respeitudo na gravura pelo nosso collaborador Ch. Baudé, o auctor de tantas obras primas que A Ilustração tem divulgado em Portugal e Brazil.

HANS MAKART

NALIECRO em Vienna o grande pintor austriaco Hans Makart.

Nasceu em 20 de maio de 1840. Fez os seus estudos em Munich, onde foi discipulo do celebre Piloty. Debutou, em 1866, com duas telas de primeira ordem que lhe valeram logo a celebridade. E figurou na Exposição de Paris em 1867 com as *Ruinas Romanas*.

Hans Makart viajou muito tempo pela Italia, Hungria e Egypto, dedicando-se especialmente nos seus estudos á *pittura* historica, ao retrato e á *pittura* allegorica. O talento do illustre artista era já muito apreciado em Vienna quando elle expoz em Paris, em 1878, na Exposição universal, a sua tela mais importante: *Entrada de Carlos V em Anvers*, que lhe valeu uma medalha d'honra e a cruz da Legião d'honra.

Entre os seus outras telas citam-se os *Sete peccados capitães*, *Cleopatra*, *Caçada de Diana* e um numero consideravel de retratos femininos pertencendo á alta sociedade viennense.

A *Caçada de Diana* é a tela que a Ilustração escolheu neste momento para offerecer aos seus leitores e dar-lhe uma ideia da obra do artista. Neste quadro allegorico vê-se largamente a inclinação do celebre pintor para o estudo do nu, e desta composição resaltam brilhantemente as figuras das mulheres, estas figuras deliciosas para que serviram de modelo as damas da aristocracia de Vienna. É esta uma das boas lendas que acompanham sempre o nome de Hans Makart. Centas damas da nobreza consideravam como uma honra ir ao atelier do pintor e serviram de modelo para os seus estudos do nu. Hans Makart era muito estimado do imperador d'Austria que proporcionava ao artista uma vida principesca.

Ha poucos mezes Makart foi acometido d'um accesso de loucura. Alguns jornalistas e criticos europaus noticiando tambem fatalidade deixavam perceber que para isto tinha influido o amor proprio e o orgulho do artista. Effectiva-

mente o genio de pintura de Hans Makart comegava a ser pouco apreciado nos mercados europaus. E em quanto a sua reputação declinava em Paris, Londres, ou o publico se esquecia do artista, um outro pintor crescia a cada momento na opinião da critica. Era Munkalesi.

Mas Hans Makart era inevitavelmente um grande artista. O quadro que hoje damos deixa perceber claramente os sobornos qualidades do pintor — que desenhava como *patice*.

A nossa gravura de pagina 103 dá uma ideia dos esplendidos successos realisados em Vienna d'Austria, omite falleceu Hans Makart.

O cortejo em que tomaram parte os primeiros artistas, escriptores e homens da alta sociedade de Vienna era deslumbrante pelo seu rigor e veridade historica, fazendo-se a Hans Makart fuzileiros como se poderiam ter feito a algum artista genial da renascença italiana.

UM CANTOR ARABE

este titulo é a copia feita por Riera d'um magnifico quadro do grande pintor napolitano Domenico Morelli, *il pittore di spiritanti napoletani*, como dizem em Italia.

O cantor arabe é um estudo delicadissimo da vida oriental, magnifico d'expressão e soberbo de desenho, e onde se vê que os artistas italianos longe de terem parado como muitos criticos tentam asseverar, acompanhavam brilhantemente o movimento moderno, desenhando e pintando e observando com a mesma elegancia com que o fazem os seus collegas de Paris.

A illustração ha-de fazer passar diante dos olhos dos seus leitores varias obras primas da arte italiana contemporanea inteiramente ignoradas do publico portuguez e brasileiro.

CASTELLO DE GUALDIM PAES

GRAVURA que A Ilustração hoje publica é obra d'um artista portuguez que ha annos estuda em Paris — sr. Heitor — artista que ainda ha pouco foi premiado na exposição de bellas-artes de Lisboa com uma medalha de cobre. O desenho é de Greno, um ouero artista que a Academia de Lisboa mandou para Paris como seu penscionista.

O pittoresco castello de Gualdim Paes — que prende com a historia dos Templarios — nasceu com a povoação de Tamaravá, segundo a dominiação arabe, que os portuguezes depois chamaram Thomar.

Vamos encontrar n'um artigo do erudito e distincto professor Francisco Benevides, os seguintes curiosos apontamentos que explicam inteiramente a nossa gravura :

Foi pelos annos de titio da nosse era que D. Gualdim Paes fundou este castello em um monte a O. do rio Nabão e na margem direita do mesmo, dominando uma vasta planicie.

« No anno 1190 (?) soffreu este castello um rigoroso ataque de um exercito do imperador de Marrocos que assolou o Algarve, o Alentejo e a Estremadura, vindo por apparelado cerco ao castello de Thomar.

« A povoação de Thomar, que toda se recolheu ao castello, oppoz tão grande resistencia, que os mouros tiveram que abandonar o cerco, vingando-se em saquear a villa e outras povoações e levando 13,000 captivos.

« O castello foi depois reparado e ampliado a sua fortificação.

« Hoje conta mais de sete seculos e ainda esta de pé, apesar de bastante arruinado pelos insultos do tempo.

« Não é uma praça de guerra; é uma reliquia

historica como tantas outras que nos recordam passadas glorias.

« Entre a sua primeira e segunda linha de muralhas já não assentam pousada, as povoações perseguidas, mas vicejam fructuosas vinhas que augmentam as riquezas da paz de um povo que deixou de viver para as luctas das armas para empunhar o alvião do Trabalho e fecundar a terra que seus irmãos regaram com tanto sangue para fundarem a independencia d'este reino tão disputado.

PIM D'ESTAÇÃO

De novo apparece nas nossas paginas o nome d'um artista que é já hoje um dos mestres da nova geração. Assim como Neuville e Bastien-Lepage, Duez é um dos artistas mais queridos e mais applaudidos de Paris, e todos os annos os seus quadros no *Salon* e as suas aquarellas na exposição dos aquarellistas francezes, são objecto de grandes applausos e dos mais largos elogios da parte de toda a critica parisiense.



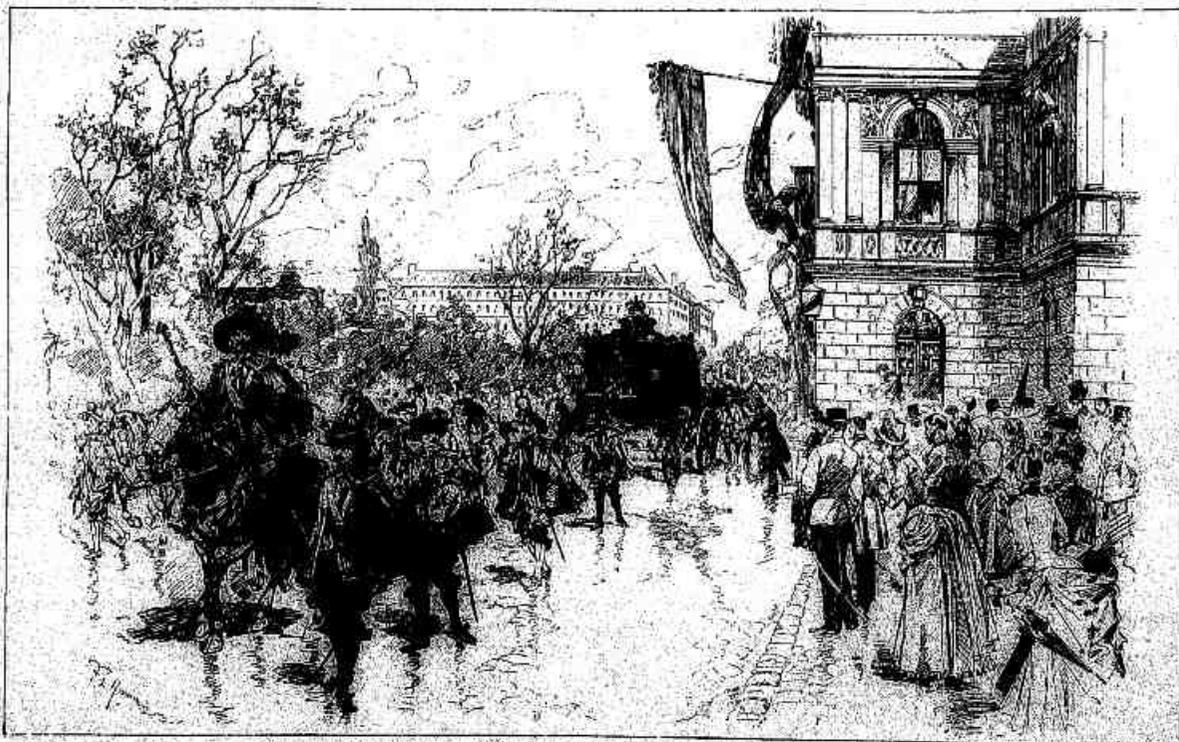
HANS MAKART

Um dos assumptos que mais prende o espirito de Duez é o mar que elle trata com a mesma delicadeza e o mesmo sentimento com que o faz Stevens, o grande pintor belga.

N'este quadro que hoje damos mostra-nos Duez uma d'estas familias intrepidias que a temperatura e o outomno já não assustam. O vento sopra, a brisa é fresca, adivinham-se os primeiros temporaes. Pouco importa! Vestem-se fatos d'inverno, e não se abandona a praia antes do mez de novembro. O mar assim até é mais bello, as ondas são mais coroadas d'espuma, e as crianças fazem a sua provisão de saude para o proximo inverno, respirando a largos pulmões este ar tão vivo e tão salutar.

Duez que pintou o mar e as praias tão finamente como pinta a graciosa parisiense, encontrou o meio de grupar n'um quadro encantador os seus assumptos mais queridos.

Proximamente a ILLUSTRAÇÃO publicará um outro quadro do notavel artista.



FUNERAES DE HANS MAKART EM VIENNA



ARTE ITALIANA. — Um Cantor Árabe. — (Quadro de Domenico Morelli.)

O AMOR

EXTRAÍDO DO « CHARLES DEMAILLY »

CHARLES DEMAILLY é um soberbo romancista que os leitores Goncourt escravizaram em 1886. A illustração no seu numero 2 publicou o retrato do Edmond de Goncourt, e no seu ultimo numero o retrato de Jules de Goncourt — fallecido ha annos — a propósito da nova edição do romance *En 18...*. Para dar mais uma vez aos nossos leitores uma ideia do brilhante talento destes dois escriptores, da elegancia da sua phrase, da delicadeza do seu estilo e dos finissimos dialogos dos seus livros, verdadeiras obras-primas, vamos offerecer-lhes um capitulo do *Charles Demailly*, o capitulo do jantar em casa da Grécy, uma cantora dos Italianos com grande voga em Paris. Charles Demailly é a verdadeira expressão do typo do parisiense phantastico, espiantoso, um tanto sceptico. As suas opiniões ás vezes são duras e amfificas das nossas convenções sociais, mas nunca deixam de revelar um espirito superior onde mesmo se advinha a personalidade dos Goncourt, dois romancistas que são uma das glorias da moderna reforma litteraria.

A casa de jantar era magnifica. Toda em marmore branco, cortada de pilastras com capitais e um friso em bronze verde. Os buffetes eram de marmore, e desenhavam em cima d'abutres de bronze verde que o esculptor Cain tinha rubricado com o seu nome, com a sua força e com o seu estylo. Nas duas extremidades da casa duas carraças de bronze verde deixavam cair o ruido d'uma agua em repuxo para dentro de duas conchas de marmore branco, onde nadavam flores dos tropicos.

Comia-se n'um serviço branco de Saxe. A Grécy tinha pela porcelana o gosto da velha Hespanha; só podia supportar a porcelana branca: branco de Saxe, branco de Sévres ou branco de China.

A Grécy era sempre bella, admiravelmente bella e admiravelmente pallida. Os olhos eram estes dois grandes olhos pretos, os olhos da cidade de Tegeo, na pintura antiga do Museo Bourbonico: as paixões d'uma Pasiphine parecia que adormeciam n'elles por entre languidez e nostalgia do Oriente. A sua saia era ainda uma saia de rendas d'Inglaterra, a *toilette* habitual e consagrada da sua belleza; somente, em vez d'um colar de perolas, trazia ao pescoço um colar de coral, que Grancey, na sua ultima viagem a Italia, tinha encontrado por um bocado de pão em casa d'um judeu do Ghetto. Este colar, o colar da rainha Carolina de Napoles, era um duplo rosario de grãositos presos aos hombros e ao começo do pescoço por trez medallhões dignos de Pyrgoteles. Em todo este branco, este colar de purpura em torno do pescoço produzia um effeito inesperado.

Os criados estavam vestidos de preto, casaca, calção, meia de seda; e, para que o serviço não causasse o menor ruido, os sapatos eram forrados com solas de flanela.

— A minha primeira amante... — começou Boisroger.

— Pois tu tiveste uma primeira amante? interrompen Franchemont; — que homem tão feliz!

— Admittido o amor? — diz-lhe Boisroger.

— O amor?

— Heim?

— Oh!

— Ah!

— Eh!

— Diabo!
Houve uma modulação d'exclamações.
— O amor?... A sua saude! — exclamou a Grécy erguendo-se n'uma explosão de riso.

Quando de novo se sentaram:
— O amor? — diz Grancey a Boisroger, que entendes tu por isso?

— A unica loucura que é razoavel e o unico desgosto que nos faz feliz, — respondeu Boisroger.

— Mas isso é a definição do casamento e da viuvez! — diz Demailly.

— Meu caro. Quer ter a bondade de me definir o amor?

— Perfeitamente, — responde Demailly.

— O amor é — o amor.

— Não, — diz Lamperiere. — O amor é a mulher.

— É uma opinião, — exclama Grancey.

— O amor?... um fluido? — diz de Remonville, — um phenomeno d'electricidade...

Ha mulheres feias que desenvolvam o amor.
— Não digamos mal das mulheres feias, — diz Franchemont. — Quando uma mulher feia é bonita, essa mulher é encantadora!

— Em todo o caso, — diz Grancey — é uma lindissima invenção: é a alma de tudo o que não é verdadeiro. Abram um romance: não ha senão um romance, o amor! Vão ao theatro: não ha senão um theatro, senão uma peça, senão uma intriga, senão uma comedia, senão um drama, senão um desfecho, o amor! A opera não tem senão uma opera e senão um bailado, o amor? É para acreditar, palavra d'honra que é para acreditar que o amor existe no publico e na vida.

— Então! — exclama Bressore.

— O amor, meus senhores, é uma cousa que chega, — diz Boisroger.

— Oh! Oh! — exclamou alguém.

— Ha exemplos! — exclama um outro.

— Certamente, — diz Demailly; — conheci um velho que casou com uma rapariga...

Pois mettia um lenço na bocca para não resonar um dia, ou antes uma noite...

— Resonou?

— Pelo contrario, morreu... Tinha engolido o lenço.

— Eu, — exclama Bressore.

— Um instante. — diz Franchemont: — trata-se de raciocinar com principios. Penso que ha mais amor que mentiras. Ha o amor antigo e o amor moderno, que estão tão longe um do outro como o pudor da decencia... No mesmo seculo temos os amores de Richelieu e os amores de Lauzun, Don Juan que ri e Don Juan que chora... Sabem que os analyistas classificaram e sub-classificaram o amor, absolutamente como...

— Um reino animal...

— Sim?... De que amor se trata?

— Estamos nos doces... Tratemos do amor platónico.

— Aquelle que as mulheres perdãoem algumas vezes...

— E que nem sempre se desculpa!

— Se nós fallássemos apenas do simples amor, do amor mais simples? — exclama Lamperiere.

— Do verdadeiro! — acrescenta de Remonville. — d'aquelle que terrasta soldados até ao suicidio, que obriga os homensthon-

rados a roubar ao jogo, os homens do mundo a casarem-se de desespero e de ruiva, as mães de familia a envenenarem o pão dos filhos de seus amantes!

É verdade, — exclama Bressore.

— Meus senhores, — diz Boisroger, — quando se fez o mundo, era um domingo, e Deus, não tendo mais nada que fazer, fez o amor.

— Qual historia! — exclamou Demailly; — quem inventou o amor foi o homem... Deus só fez a mulher.

— Pois começou perfeitamente, — responde a Grancey.

— Estão vocês bem certos de que já amaram? — pergunta de Remonville.

Eu já ame!... — responde Grécy.

E o seu olhar tornou-se fixo e hesitou diante d'uma recordação.

— Por quem nos tómas? — respondeu Franchemont. — Par homens sem educação? Affirmo que nós todos temos lido maus livros, beijado velhas luvas de Suæde, e pensando em fazer tolices, todos, todos!

— E o sr. tambem, o senhor sentimental, — diz a Grécy a Demailly.

— Eu? — exclama Demailly distrahido.

— Ah! perdão... parece-me, tenho quasi a certeza de que já ame!... Mas não sei quem.

— Foi n'um baile de mascarar? — diz a Grécy.

— Muito antes... tinha dezesseis annos...

estava uma manhã no campo, pela primavera, não me lembro onde. A terra estava ainda quasi nua, e estremecia de vida e d'esperança como se tintasse com frio... Arvores definitadas... Os rebentos mal appareciam... Um céu claro d'um azul tão fino, que o dia parecia branco... Havia no ar e por toda a parte uma puerbeidade tiuida da natureza... O coração grande, inchado d'alguma cousa que eu desconhecia, o peito dolorido e cheio d'aneias, puz-me a chorar... E nunca mais pude encontrar estas lagrimas!... E se algum dos que estão presentes deseja fazer d'esta aventura um drama d'espectaculo para a Porte-Saint-Martin, dou-lha de presente.

— Aceito, — diz Franchemont; mas em geral ha sempre uma mulher no fim do amor...

— A não ser que seja ao começo — exclama de Remonville.

— Tudo tem os seus inconvenientes n'este mundo, — responde Grancey.

— A mulher... — começou Franchemont; mas interrompando-se, e dirigindo-se a sorrir para a Grécy:

— Estamos entre homens, não é verdade? —

— Perfeitamente!

E a Grécy inclinando-se sobre o ouvido do seu velho apaixonado:

— Estes senhores vão dizer tolices... mas não os escutes, Bibi, é troça!

— A mulher, — exclama Bressore.

— A não ser que seja ao começo — exclama de Remonville.

— Tudo tem os seus inconvenientes n'este mundo, — responde Grancey.

— A mulher... — começou Franchemont; mas interrompando-se, e dirigindo-se a sorrir para a Grécy:

— Estamos entre homens, não é verdade? —

— Perfeitamente!

E a Grécy inclinando-se sobre o ouvido do seu velho apaixonado:

— Estes senhores vão dizer tolices... mas não os escutes, Bibi, é troça!

— A mulher, — exclama Bressore.

— A não ser que seja ao começo — exclama de Remonville.

— Tudo tem os seus inconvenientes n'este mundo, — responde Grancey.

— A mulher... — começou Franchemont; mas interrompando-se, e dirigindo-se a sorrir para a Grécy:

— Estamos entre homens, não é verdade? —

— Perfeitamente!

E a Grécy inclinando-se sobre o ouvido do seu velho apaixonado:

— Estes senhores vão dizer tolices... mas não os escutes, Bibi, é troça!

— A mulher, — exclama Bressore.

como um homem, sorrir no momento proprio, marcar lençós, chorar sem ser ridiculo, dar um lago n'uma gravata branca, fazer garatujas n'uma folha de papel, decotar-se decentemente, fallar com uma voz que causa calafrios, esconder o pé n'uma botina, consolar um homem, pedir esmolla para os pobres, ler, bordar e enganar a sua criada de quarto?

— Mas eu referia-me á mulher, — diz Bressoré, — não fallava da parisiense...

— Mas afinal o que é a mulher? — pergunta Franchemont.

— É o erro do homem, — responde Demailly.

— Sim, mas o homem é o erro de Deus, — diz Lamperrière.

— Que importa! — responde de Remonville, — é um menor emancipado pelas sociedades modernas!

— A alma da mulher — exclama Demailly — está mais perto dos sentidos que a alma do homem: é o exterior que a fere; julga do caracter pelos bigodes, do homem pela casaca, do livro pelo titulo, do actor pelo papel, e da canção pela musica.

— Podem-me dizer tudo quanto quizerem, — responde Lamperrière — podem ter tanto espirito contra os meus prejuizos como Voltaire contra os seus inimigos: responderei apenas com duas palavras... Ha na vida um anno, no anno um dia, no dia uma hora, que, ao atizar o lume da chaminé... já não ha primavera, Demailly, por que é chagado o outomno; tem-se trinta annos, e as bellas lagrimas de que ha pouco fallava já vão longe... remechem-se as cinzas... e repara-se que se está só, absolutamente só. A solidão, que era hontem a liberdade, peza-lhe hoje de repente... Oh! o coração já não é grande, e o peito é immenso! Chega a noite, e lembra-se que os amigos passam e a juventude foge... e docemente nos seus olhos, que fecha para ver melhor, e no seu coração que se abre, surge, como uma recordação da mocidade, o Lar!... Revê seu pae que não estava só; por que muito perto d'elle, sua mãe o estava embalando ao sr... E'o senhor começa a pensar pouco a pouco que a familia é o segundo futuro do homem, e que a mulher é a metade da familia.

— N'uma palavra, o casamento? — diz Demailly; — infelizmente estamos prohibidos do casamento.

— Porquê?

— Por que não podemos dar um marido... Um homem que passa a sua vida a agarrar borboletas n'um tinheiro é um homem fóra da lei social fóra dos regulamentos conjugaes... Alem de que, o celibato é necessario ao pensamento... E depois? A paternidade?... um berço?... filhos?... Mas o que é um filho? Um bocado de vós mesmo que traz o vosso orgulho e prolonga o vosso nome, um quasi nada d'immortalidade que se acaricia sobre os joelhos... Inutil, mea caro! Nós temos cousa melhor: os nossos filhos são as nossas obras!

— Fazem menos bulha! — exclama Boisroger com um sorriso.

— Concedes-nos ao menos a amante? — diz de Remonville.

— Desejo fazer uma pergunta a Demailly, exclama uma voz.

— Qual é amante que nos convém?

— A amante estúpida, — diz Franchemont.

— Basta apenas que elle não seja uma mulher d'espirito! — responde Demailly.

— Uma amante que não seja plausa... — diz Boisroger: — mas o raro d'encanto!

— Ha ainda a amante trancada em casa.

— A Louca de Pétraque... — diz Boisroger.

— É que dizem da amante adinheirada.

— Ah! com a mulher legitima da...

— Justamente... uma mulher que se dá a admiração diante dos vossos livros, q'uminda de vossa alma, que afoga o vosso amor proprio, que vos sabe de cor e que vos lê de joelhos... finalmente um Albino.

— Ha-de por fim aborrecer ser Deus... constantemente.

— Creio que sim! Foi d'isso que morreu Alfieri.

— Resta-nos o genero Thérèse Levasseur...

— É a Albertina de Marat... horror!

— O mais prudente, — diz Franchemont.

— Sabem o que é mais prudente? Pegar-se n'uma mulher da historia, n'uma estatueta sympathica, — não digo madame de Maintenon... Põe-se n'um altar, veste-se como uma Santa; e, depois d'algum tempo... chega-se a adora-la.

— Tem toda a razão Franchemont — responde Demailly; — seria o mais prudente...

Ha por acaso lugar para o homem no homem de letras?... Tem ido ás primeiras representações; ha sempre uns sujeitos que chegam mais tarde. A *outrance* cumprimenta-os. A sala examina-os. E o senhor: Remonville, e são os outros. Estão ali uma duzia, serios, impassíveis. Não se mechem. Não pestanejam. Com o drama ou com a farça, não choram nem riem. São de marmore.

Escutam sómente e olham. No dia seguinte, no fundo d'um jornal, recitam a peça ao publico. O homem de letras produz-me este effeito; sómente a peça que elle escuta e olha, é a sua vida. Analysa-se quando ama, e quando soffre, analisa-se ainda... A sua alma é uma cousa que elle diseca... Sabem como um homem de letras se agarra a uma mulher? Como Vernet ao mouro do navio... para estudar a tempestade... Só vivemos com os nossos livros... Os outros dizem: Acólá vai uma mulher! Nós dizemos: Acólá vai um romance! Nós... mas, inclinados sobre as nossas paixões que se devoram, nós anotamos os seus rugidos! Nós fallamos d'amor como os outros; nós mentimos, nós não amamos. A nossa cabeça, toda a nossa vida tem o dedão sobre o pulso do nosso coração. N'um beijo, nós procuramos um conto, n'um escandalo um successo, no choro d'uma mulher o choro d'um publico, no amor uma obra-prima... Digo-lhes francamente, nós não amamos.

— Pois é pena! — exclama a Crécy levantando-se.

Como se passasse para o salão:

— Bem no intimo — conclue Demailly, — o amor é a poesia do homem que não faz versos, a ideia do homem que não pensa, e o romance do homem que não escreve. É a imaginação do homem positivo, sério, do homem de prosa, do homem de negocios, merceeiro ou estadista, em torno d'um corpo ou d'uma saia... Mas o que é o amor para o homem que pensa?

— O sonho! — responde Lamperrière.

DE VIAGEM

V. P. C. A.

Não se esqueça de ler a continuação de
As aventuras de D. João de Sá e de
Os contos de D. João de Sá e de
Os contos de D. João de Sá e de

Os contos de D. João de Sá e de
Os contos de D. João de Sá e de
Os contos de D. João de Sá e de
Os contos de D. João de Sá e de

Os contos de D. João de Sá e de
Os contos de D. João de Sá e de
Os contos de D. João de Sá e de

Os contos de D. João de Sá e de
Os contos de D. João de Sá e de
Os contos de D. João de Sá e de

FRANCISCA D'ALMEIDA

GUILHERME D'AZEVEDO

Em Santos, foi um lyrico pallido, gracioso nos seus filhos que fazia publicos, e trazo já na somie apanha de trabalhos da provincia, uma nota elegante, bem timbrada, finamente artistica, que se lia por prazer. Vivia entre um periodo burlesco e o de abstracção, e assignava os versos, se bem me lembro, com o nome de Guilherme Chaves d'Azevedo, em *Almanach de Lembranças*. Na transição dos livros que publicou então, a nota sarcasica e distante, que mais tarde fez d'elle um dramata estimado e applaudido — porque na vida realista, linearmente local, que elle vivia na provincia, escascavam os ariolos, que depois não encontrou em Lisboa, e mesmo na mais vehemente dos seus triumphos, o trouxeram sempre amargurado e comorido.

Em Guilherme d'Azevedo, poeta, ha pouco a admirar. O seu astro fallacia d'arroyo e d'originalidade. Seis annos antes de publicada, a *Alma Nova*, sua principal locubração poetica, teria sido maravilhosa, como renovação artistica. Mas appareçada na mesma epocha do *D. João*, e antecedita pelas vehementes estrofas de Manuel Duarte d'Almeida, e Guilherme Braga, o maior poeta portuguez dos últimos trinta annos, deve-se escrever que esse livro empalidece, mais grado alguns soffríveis trochos que encerra. A forma, na *Alma Nova*, é correcta, e d'um largo estylo cheio de pobreza. Quanto o artificio e a arte podem dar á poesia, tudo se encontra nas insculpturas d'esses poematos, penetrados d'uma elegancia rara, e quasi exotica por vezes. Guilherme d'Azevedo era um sceptico, um *sceptico cinzento*, como diria Prosper Mérimée: eis porque a sua poesia, um tanto artificial, nos não faz vibrar nem commover. A gloria d'esse nome anda ligada á chronica do jornal, á chronica diaria, ligetra, burilada, fixando abelhas d'ouro, dos casos occorridos aqui e ahi, na vida ruidosa de Lisboa. Este genero litterario era, quando appareceu Guilherme, novidade completa, novidade entre nós; raros o cultivavam, mais raros ainda eram felizes n'elle — porque a indole do portuguez repelle esse fino esgrimir da palavra com sentidos multiplices, que é uma arte requintada da civilisação dos nossos dias; e quasi desconhece o magnifico poder d'uma phrase vellada, d'uma allusão subtilmente dita, a proposito de tal acontecimento ou tal nome. Portugal é o povo do Meio-Dia com menos graça originaria. Falta á sua ironia, na caracteristica inconfundivel do nacionalidade, como na espiantada ironia franceza e no sensal

JULES ET EDMOND DE GONCOURT.

A ILLUSTRACÃO

HANS MAKART



A CAÇADA DE DIANA

humour britannico, e nas *pochades* excessivas, bizarras, fanfarronas, e cheias de sal, dos italianos e dos hespanhoes.

A nossa pobreza contempladora, constantemente voltada sobre um passado de pompas; a nossa governação sempre humilhada n'um papel mais que subalterno, ao serviço d'um aliado que nos inutilisa; e uma decadencia moral que se revalla nos pequenos detalhes da nossa vida interior — mortificaram-nos o animo, atrofiando-nos a espontaneidade do riso, e pervertendo este, no que chamaremos a *troça*. Portugal fez troça, mas ri mal. Em litteratura, a mesma *grimace* physiologica, no lugar do grande bom humor communicativo, que põe o homem de letras em intimidade com o publico.

Vejam a maioria dos nossos chronicistas ligeiros, aparte tres de quatro hillarianes espiritos de primeira grandezza. São pequenos *santochoes* diários, cambalhoteando nos períodos com graças e phrasas, que por descriptura já se tornaram anonyms. A ironia, se a teem, sae-lhes dolorosamente bjaculada, sem deixar ver por traz, um processo scientifico que lhe dá a flexibilidade d'um fiorete em joço, precisão na trajectoria, certeza ao alvo, e o intuito reformador indispensavel.

* * *

N'este periodo, vem Guilherme d'Azavedo. Conheceram-no? Horivelmente feio, macilento, bigode hirsuto, moios dentes, uma magreza de fellah; e com mãos viscosas, estróitas, inertes, cujo contacto impressionava pela frialdade humida das pulmas. Ainda moço, recentemente chegado a Lisboa, azeolado por todas as sympathias do *succes*, e cheio d'ardentissimas sedes de gozo, elle apenas offerecia para resistir aos esbanjamentos da sua natureza abraçada, um pequenino d'abedal de força e de saude. Um doente, cuja natureza de si irritavel, era exasperada pela deformidade, que em Lisboa o não deixou dormir nunca! Amoroso por temperamento, como todo o Portuguez de raça, exigente por indole artistica, este homem soffria de não ser amado e possuido, por todas as mulheres que lhe escandeciam o desejo.

De feito, n'um poeta plastico, que mais horrivel escorneo da natureza que a deformidade, e quasi mascarado escovado e cadaverico que elle tinha?

Guilherme não tinha para consolar-se, o exemplo de Byron que era robusto, e possuia o belleza branco das raças loiras do norte, tão antagonista das nossas. D'este intimo e irremediavel desgosto, lhe nasceu o aspecto d'irritação surda contra tudo aquillo que, mesmo involuntariamente, o agredia — e tudo agredia este delicado, desde que lhe punha a relevo aquella perna cambada e coxa, e aquelle aquebamento de corpo que o fazia tão profundamente infeliz! « A força, dizia aquelle phantastico Merimé, n'uma carta a imperatriz Evgenia, é nos nossos tempos, a couza mais necessaria a uma mulher bonita. » Devia acrescentar: e a todo o mundo! Um fraco é um insulto, na vida de combate que arrastemos. No homem de letras, mais que n'um outro, requer-se a força phisica como accessorio indispensavel, como auxilio, e como interprete, do que a penna seja capaz de escrever. Assim, já não é paradoxal declarar, que a magreza dava a Guilherme d'Azavedo um sarcasmo indomavel e odioso, que as delicadezas do poeta, do litterato, e do cavalheiro, iam corrigindo e depurando, imprimindo-lhe forma litteraria, e um ligeiro ar de bonhomia. Porem vão estuda-lo no fundo: sentirão a amargura do coxo descontente, do *dandy* falhado, em perpetua revolta contra a sua incompetencia de figura.

Superficialmente, era antipathic, e feria pelos silencias aggressivos, com que se plantava em face de um estranho ou d'alguem que detestasse — sempre fazendo correr a bengalinha n'uma argola osseu, formada pelo polegar e indicador da mão direita. Depois, mais perto, não

era desagradavel a sua estima, porque havia dentro d'elle um sentimento immutavel de justiça e lealdade, que o prendia aos amigos para todo o sempre, e dava a nota do seu caracter duro talvez, mas profundamente honrado.

* * *

Não foi por fôrma alguma, um prosador porque lhe faltavam essas larguezas de penna, que cizelam o periodo n'um sopro, momentaneamente, e o deixam correcto logo da primeira redacção. Poucas vezes elle pôde consagrar a um assumpto, trez ou quatro paginas seguidas, criticando-o sob um plano philosophico indispensavel nos que se arvoram em censors, e por um systema d'ideias logicas e opinões bem concatenadas. O seu processo consistia em redigir n'algumas linhas o caso a commentar, fechando-o com uma phrasa ironica que muitas vezes era a applicação feliz d'algum estribillo em voga, no *patois* gracioso de Lisboa. Admiram-se esses commentarios de Guilherme, pela concisão brilhante, pacientemente procurada nos seus passeios vagabundos pelas ruas, sósinho, á tarde; ou pela manhã, nas encantadoras primaveras de Lisboa, quando apparecem nas se-nhoras, os primeiros *toilettes* claros de meia estação.

Algumas chronicas, bordadas pela fôrma que disse, caprãam logo a popularidade, porque se reteem de memoria sem esforço. O dito corria então de bocca em bocca, contava-se, commentava-se por todos os circulos litterarios da capital. Porem na pequenez dos paragrafos, nos dolorosos cuidados da redacção, no farscur delgadito e agudo do commentario ao caso occorrido, sentia-se o esforço, uma auctia d'originalidade, e a teimosia constante d'enquadrar o dito no acontecimento. E talvez por esta razão, que muitas chronicas de Guilherme, não teem já a frescura do momento em que foram trabalhadas, nem espumam no bom humor inextinguivel, eterno, sempre novo, dos artigos que Eça de Queiroz deixou nas *Farpas*, Jayme de Ségurier, na *Folha Nova*, ha trez annos, se não é tão incisivo e nido como Guilherme, por culpa do seu temperamento palaciano, surge-nos em compensação bem mais facil, espontaneo e alegre. N'este escriptor gentilhomem, o espirito era uma irrisação que bate as ozas de borboleta, a rir com uma graça despreocupada, e recordando de longe, pelas infantilidades d'artista, a maneira de Delina Gérardin, n'alguns capitulos do *Visconde d'Aulnay*. Vejiam como elle está á vontade, com que aristocratica finura sabe ser discreto, e com o seu riso de sadio não deixa verdadejar jamais, a bilis d'alguma tortura secreta e inóxia? E o rapaz cheio d'esperanças, adorado, applaudido, galante, que as formosas senhoras distinguem na rua, e para quem o futuro está certo: Em Guilherme, não! Jamais elle está contente; jamais elle ri, sem que a *grimace* do dorreado lhe venha perturbar a limpidez do humor. Nas conversações intimas, os seus desdenhos litterarios são medonhos, e inspiram-lhe os melhores sarcasmos, que não citasi por estarem sangrentas ainda, as feridas que elles rasgam. Certo pobre escriptor, vem d'uma occasião publicar no *D. da Manhã*, algumas quadras espirituosas, que fechavam com o seguinte verso:

« Quem sabe que licôr está dentro da uva? »

Realmente, quem sabia agora semelhante coisa? Dentro d'uma relas uva!... Espanto em toda a redacção do jornal, aquelle tempo exalçado por uma phalange dos mais elegantes escriptores da cidade. Cada cabeça entrou logo a trabalhar sobre o que estaria dentro das uvas. Mostro? Hum! Não era provavel. Entraram a commover-se e a agitar-se as bibliotecas, os homens de sciencia, os carreiros e vitielltores da Bairrada e Torres Vedras. As trez da madrugada, quando fechava o jornal, grandes vözes propheticas diziam polas ruas do Bairro Alto: — quem sabe que licôr?... ..

E ao longe, o echo:

— está dentro da uva! — Isto punha grandes pavores nos gatos d'aquellas paragens. De dia, Urbano de Castro afrontava Lobato, á porta da livreria Carmo. — Inda não subes então, o licôr que?... Outro erguiu o seu olhar marçojado em pranto, por sob um grande chapéo molle, derrubado á Paulo Rubens; e balbuciava:

— Oh, não m'o perguntes! não m'o perguntes! — e ambos apertavam as fontes, litciantes do cogitar profundo. Mas a espaços, jornaes de provincia, após eruditos artigos, recapitulavam em estranhas conclusões. O *Bejense*:

— Já sabemos o que está lá dentro! — Emção geral! (Ouçam, ouçam!) — e o *Bejense*:

— É um de trinta reis, para amanhã! Porem o *Campeão das Provincias*, mais gazil que o collega, ia aventando outro alvitro. Segundo elle, dentro da uva havia, nada mais, nada menos, que Agua Circiaciana, unica usada por todos os soberanos da Europa.

Choviam cartas ao *Diario*, lá dos confins do mundo, a indagar que diabo estaria dentro da uva? E uma gentinha sem brío, covarde e mal intencionada, d'esta que se occupa em rebucar escandalos pelas vidas alheias, teve o desaforo d'andar insinuando que o licôr era vinho.

— Olhem que não é outra coisa rapazes! Decide-se affim, que Junqueiro e Guilherme elaborem uma cantata, que dissipe dos seus aquella interrogação fatidica. Eis alguns d'esses espirituosos alexandrinos:

« Quem sabe que licôr está dentro da uva? Desde que tu fizeste essa pergunta, Alberto, Eu ando balbuciando, ao vento, ao frio, á chuva, Perguntando ao Martinho e ás aves do deserto; Quem sabe que licôr está dentro da uva? »

Já fui ao Alto Douro e fui a Traz-os-Montes; Interroguei a Igreja, os cardeaes, o papa, Interroguei o oceano, interroguei as fontes, E Setúbal, e Daus, e o Agular, e o Lapa.

Compulsei dia e noite os codigos das leis, A vêr se resolvia esta questão vincula; Lévei a negra esphinge aos dois Batalhas Reis, Conduzido-a depois ao Instituto agricola. Oh! para descobrir o que é que a uva encerra, Para saber qual é o magico licôr, Andei de plaga em plaga, andei de terra em terra, E fui desde o Cartaxo ao throno do Senhor. Que está dentro da uva? O que é que estará n'ella? Oh mysterio sem fim da madre natureza! Será licôr de rosa ou licôr de canella? Ou não será licôr, será cerveja inglesa! Hypotheses truisis formulo sem cessar!... Se a mão d'um alchimista, a mão d'alguma harpia Por acaso apressasse a uva n'um lagar, A uva... o que é que deitaria? Como Hamlet que interroga o cráneo repugnante, Muitas vezes de noite, em noites desvigiada Eu vou-me perguntar as passas d'Alicante: O que é que tinham dentro? — a não respondem nada! Da que me vale estar na bella flor dos annos, Se eu não posso sentir no mundo algum prazer, Se eu ignoro, ai! de mim! os intimos arcanos. Que os bagos d'uma uva em si po lem conter!! Que está dentro da uva!... ..

Abordo a especialidade de Guilherme, o genero litterario que lhe ia maravilhosamente ao character, e era talvez o brado natural d'esse espirito melindrado pelos pequeninos ridiculos e nleições da vida phisica. Fallo das legendas com que elle collaborava na obra caricatural de Raphael Bordallo. Eis o unico lugar onde era preciso o seu sardonico talento! Gavarni não meditava as caricaturas; mas ia desenhando ao acaso — os primeiros traços davam-lhe o seguimento do desenho — uma figura trazia outra — em face das attitudes, do gesto e expansão physiologica da scena-muda que tracava, o artista desdobrado n'um philosopho; punha-se a scismar que poderia estar dizendo aquelle grupo

PORTUGAL



O CASTELLO DE GUALDIM PAES. — Desenho de Grezo. — (Gravura de Heitor)



FIM DE ESTAÇÃO. — Quadro de Duez

FRANCISCA ALMEIDA - 1920 - 17 - 17554

NOTAS E IMPRESSÕES

Do modo como as condecorações se espalham e se multiplicam pela Europa d'anno para anno, ha-de chegar indubitavelmente um momento em que seja uma distincção — não trazer distincções.

GRIMM.

O despotismo perpetua a ignorancia e a ignorancia perpetua o despotismo.

TURGOT.

Nas sociedades humanas, como na natureza, nada se destroe, nada se cria, tudo se transforma.

VALTOURN.

Ha trez cousas que eu tenho sempre amado e que nunca pude comprehender: a pintura, a musica e as mulheres.

FONTENELLE.

O coração das mulheres parece-se com as casas hespanholas que tem muitas portas e poucas janelas: é mais facil entrar do que ler lá dentro.

JOÃO-PAULO RICHTER.

A anarchia é a ultima esperanza do despotismo.

LAKANAL.

Antigamente tinha-se algum medo de Deus; hoje tem-se mais medo dos jornaes.

NESTOR ROQUEPLAN.

Os conversadores são uns prodigos. Conversar é deixar o espirito pela janella fora.

M^{me} ACKERMANN.

É raro que d'um bom conselho resulte alguma cousa boa.

BYRON.

Calor-se e deixar comprehender o seu silencio, constitua a eloquencia das situações difficeis.

LAMARTINE.

A prodigalidade dos millionarios só se pode comparar á sua avides em ganhar.

H. DE BALEAC.

Um deputado que viola a lei, é como um pao que violasse á filha.

AURELIX SCHOLL.

Em tempo de paz, os novos enterram os velhos; em tempo de guerra os velhos enterram os novos.

HERIODO.

THEATROS

Seu lher disser o motivo porque não fiz chronica no ultimo numero, não o acredito, que eu bem sei.

Nem uma novidade.

— O que? Durante 13 dias?

— N'uma quinzena de Outubro?

— Quando todos os theatros já estão abertos?

Palavra, nem uma.

Pode-se dizer que foi uma semana *manguê* porque as promessas eram das melhores e tudo levava a crer na realisacão d'ellas.

Uma desillusão.

E d'ahi, ha uma coisa que ainda lher não contei e que talvez lher interesse.

Não a conto, mas quero lembra-la para não me criminares depois.

Fallo da *Cour d'Amour* o novo baile do Eden composto por Balbiani com musica de Leopold de Wenzel.

Que fiasco!

Os fatos são magnificos, as vistas boas, as dançarinas soffrivéis, a musica é má, o libreto pessimo. Pouca comparsaria, pouquissimo movimento, nenhuns effeitos.

Bem sei que é custoso substituir o *Excelsior*, mas que diabo, procurando bem, não d go que achassem tão bom como o baile de Manzotti, mas melhor do que o de Wenzel, não era talvez difficil.

Emfim eu não querendo fallar do novo bailado — que de resto nada tem do novo senão (e ainda estou em duvida) a apotheca — não occulto a minha parcialidade no assumpto.

Lu detesto a dança.

Sempre as mesmas piruetas, os mesmos pulos, sempre os mesmos pinoes, as mesmas posições sempre.

É uma edicção que se exgotou no ver á luz.

O *Excelsior* só se sustentava de uma idea nova, de vistas esplendidas, de uma musica superior, machinismo complicado, marchas, contramarchas, effeitos seguros de comparsaria e accessorios; no bailado é que menos se pensava.

Cour d'Amour não tem nada d'isso. Escusado será pois lutar pela existencia quem tem uma origem atrophada e a empresa parece concordar commigo, pelos activos preparos que faz para montar o novo baile *Messalina*.

Está quinzena foi um pouco mais fertil mas as novidades annunciadas ainda não chegaram apesar de passadas mais duas semanas. Em todo o caso as *primeiras* eram diarias.

O maior successo d'estes quinze dias foi a *reprisè* das *Pattes de mouche* de Sardou no *Français*, comedia que Santos fez tão conhecida e tão applaudida e o *Grand Casimir* (*reprisè* tambem) no *Varietés* em que Celina Chaumont fez a sua entrada depois do passeio a Hespanha, Portugal, etc. Um verdadeiro enthusiasmo por este *Grand Casimir* que cahiu redondamente em Lisboa com Josepha de Oliveira e de que em Paris se faz hoje a terceira *reprisè*. Verdade seja que os Parisienses prendem-se a pouco e que uma das cousas que mais os atrahê, o exercicio d'equitacão feito por Chaumont no 2.^o acto. Porque Celina é uma distincta *ecuyère* e aprendeu equitacão expressamente para fazer em scena estas habilidades de circus: pinoes, dança, cumprimentos, uma *Madame Guerra pur sang*.

Pae do Ceu a que o theatro chegou!!!

Emfim lá se vai assistindo á operetta e *ouvindo* a *Chaumont* — como diz Sarcy — *d'força de a escutar*, com a sua voz, rouca e pequenina.

Premières, verdadeiras *premières*, em primeira mão tivemos: *Boislaurier*, no Beaumarchais; *Antigone*, no Renaissance; *Telescope*, no Dejazet, e *Etienne Marcel* no Opéra Populaire.

Más... o que posso eu dizer de bom, de peças que os próprios jornaes francezes e demais estão ligados aos theatros por conveniencias diversas reprovaram completamente? Nada.

O theatro francez está assim e é com um esforço heroico de vontade que todos procuram salvar da cheia de fiascoes que o vai inundando, este ou aquelle afogado que, apesar de tudo, consegue sobrenadar aos destroços.

D'esta vez, agarrrou-se pelos cabellos uma peça e para se salvar a grandezza da coragem e da abnegação dos salvadores, basta pensar que se representou no Beaumarchais, quasi no fim de Paris, um theatro de *bailleries* quasi.

O salvado é *Boislaurier*.

Um drama pathetico com muitas molias velhas girando em eixos moderada.

Ao levantar do panno é no 4.^o acto sobretudo conhece-se logo, deo de mérito. O seu auctor, M. Richard fez receber e representar ha annos, no *Comé-*

die uma peça *Les Enfants* e é para sentir e para meditar o motivo que levou Richard a trocar a primeira scena franceza pela da praça da Bastilha.

Descoragem? Não me parece! Outros haverá que tenham sido mais desaminados e acabando por onde o auctor do *Boislaurier* começou!

Revelaram-se n'esta peça dois talentos, e um d'elles, Esquier, era bem digno de ser trazido para theatros mais importantes. A critica não deixou de os reparar e a critica dramatica franceza faz transformações herculeas nas carreiras artisticas dos actores e não ha ainda quatro mezos que eu vi ser notada uma *dúgna* n'um theatro do quarta classe e que já hoje contracenou no *Saint-Martin* com Pasca e Marais nos *Dauicheff*. É M^{me}, Roland.

Inconsciente do seu proprio merito deixou-se puxar a um primeiro plano, sem saber porque, nem como e quando um companheiro dos tempos meos felizes lha perguntou quanto exigiria de gratificacão em sendo celebre respondeu ingenuamente.

— 100 francos.

— Só?

— E mesmo assim não sei o que lher hei-de fazer.

Cumprira, M^{me}. Rolland o que prometteu? Veremos.

Etienne-Marcel a opera de Saint-Saëns tem um verdadeiro successo. Não é mais do que o seguimento do exito que a opera obteve em Lyon onde foi representada pela primeira vez.

Esta semana novamente nos saltou aos olhos o nome do sr. Leopold de Wenzel. Agora como auctor da musica do *Chevalier Mignon* subido á scena do *Bouffes*.

Mais felis n'esta operetta do que no bailado, procurou no entanto um libretto sem graça e sem novidade e que não promete longa vida á musica.

O sr. de Wenzel a não buscar outra forma de escrever está desmentindo as esperanças que deu com as suas canções vivas e saltitantes, o *Petit Bleu* e a *Tonkinoise* dois verdadeiros *bijoux* de graça e d'atração.

O *Grande-Opéra* deu-nos a 100.^a da *Aida* com grande estrondo e sem Verdi cuja presença apraziam por toda a parte. Este disse que os seus 72 annos não lhe permitiam agora uma viagem mas que os acompanhava com o coração. Cantata muito usada pelas celebridades e muito abusada por Hugo.

O *Opéra-Comique* fez *reprisè* da *Galathea* de Victor Massé e todos os outros theatros tem montado peças antigas como: o *Odéon* os *Etourdis*; de *Andrieux*; o *Folles-Dramatiques* os *Cloches de Corneville* e alguns outros o *Jean Buscaille* e *la Maison du Pont-Notre-Dame*.

O *Menus-Plaisirs* deu a *Bagasse*, uma mistura tragico-buffo-dramatica, sob o nome de *vaudeville* pretexto para umas cançoneiras cantadas por Mme. Grandor, um verdadeiro primor de café-concerto ainda que um pouco antigo.

Esperam-se ansiosamente e a todo momento as primeiras do *Ervani* no *Comédie*, *Macbeth* no *Odéon*, *Amour* no *Vaudeville*, *Château de Tiro-Larigot* no *Nouveautés*, *Rip* no *Folles* e *Ronde du Commissaire* no *Gymnase*.

Não podemos deixar de ser gratos ás empresas theatraes de Paris que honrarão A ILLUSTRACÃO com bilhetes de *premières*, e procuraremos por todos os meios ao nosso dispor, não sermos inferiores, ao favor e á confiança que o nosso jornal lher merece.

J. MIRANDA.

TODAS as pessoas que tem questões civis, mandamentos de processos e mais assumptos de tribunaes a tratar em França devem dirigir-se de preferença ao sr. Director do Contencioso dos quatro Arpandissements, Paris, boulevard de la Vilette, 12.

Tambem se encarregam n'esteatorio de todas e queesquer indicações commerciaes.

PASSATEMPO



Illustração recebe com prazer todos os exercícios, casos diffieis, charadas, logogriphos, enigmas e enigmas illustrados que os seus leitores lhe queiram enviar.

N.º 41.

CHARADA.

Eu conheci um sujeito, Sem ter nada de bonito; Que com a prima e segunda, Contrahiu o matrimonio.

Passava vida feliz, Com a doce companhia; Mas a parca quiz um dia Q' elle fizesse terceira!

Parante vive bem triste Sempre no leito envolvido; Apenas lhe resta a quarta Por ser o seu apellido.

E assim vive no mundo, Entreque a molha lida; Retempando as suas forças Com esta doce bebida.

Vizem. O PROVERBO APOSTROPHADO.

N.º 41. — Esta sexta dia o que não é mais é assim mesmo. 2 — 2.

N.º 42. — Alli tem julgo um animal que se abita. 1 — 2 — 3.

N.º 43. — O pe de este animal é uma mentira. 2 — 2.

Liboa. PANAMA.

N.º 44.

ENIGMA.

- Cidade da Alemanha.
Cidade da Belgica.
Cidade de It. ha.
Cidade de Portugal.
Cidade de Hespanha.
Cidade de Franca.

Nenhum dos nomes destas cidades deve ter mais de cinco letras e as centras de todas ellas formarem o nome de um rio do Brazil.

Liboa. Ita.

SOLUÇÕES

N.º 6.

EXERCICIO N.º 4.

- Vos, poderam tol, eua alio impario.
Vos omosar a vicaria de pasada.
De lusiana antigos liberdade.
Tendes em vo um novo sigello ardente.
Dei-vu uma faria grande e sonozes.
Que se conta o peito illustre lusitano.
E aquellos que por obras valerosas
Passaram lida sem da Taprobana.

Panama. — Liboa.

Recebemos mais algumas que não formam sentido algum. O exercicio era diffieil por isso publicamos esta soluco que a ser de tudo a a molha.

EXERCICIO N.º 5.

1.º

Ministra ama o poder. Estuda o sei a fallu. Panama. — Liboa.

2.º

Demonio marialiano. Forra e tenta pelo sai. A. L. G. — Porto.

CASO DIFFICIL N.º 6.

6.º

Conte o amigo anatrovado e exige explanaçes; depois julgamos que quezquer que ellas sejam. Paris. — Rio de Janeiro.

PROVERBIO N.º 13

- 1. — Athos + D = Thadon
2. — Lillo + I = Tullio
3. — Nos + Z = Zeno
4. — Socia + M = Marcus
5. — Suetio + E = Eusebio
6. — Regal + C = Carlos
7. — Stolla + O = Basilio
8. — Na + M = Namo
9. — Jomio + O = Joaquin
10. — Tlomas + H = Mathias
11. — Muro + E = Ruanu
12. — Telo + M = Martia
13. — Ewer + A = Avaro
14. — Balio + N = Libanio
15. — Ewer + H = Mathias
16. — Tancr + A = Antero
17. — Pastor + S = Pastor
18. — Yau + D = Doyle
19. — Crisp + R = Raso
20. — ... + ... = ...

DIZ-SE COM QUEM ANDAS DIR-TE-HEI AS MANHAS QUE TENS

Foi desfrado pelas Srs. Aracema d'Almeida, de Lisboa e V. L. de Rio de Janeiro...
N.º 7.

VELHOZ BAILARIL, N.º 14.
J A D
A I O
M P A S
A V A Y
D I V E
R T O
R E U
O P E R
A J A D
M A C I N
C E O N
A G A B E

JÁ MAJURO JÁ GÂ DOS VETERANOS

O.º Voto de 124 votos do conjunto de Eleitores do Rio de Janeiro...
N.º 8.

EXERCICIO N.º 21

Não podemos dar a solução deste Passatempo conforme prometamos e desejamos porque a maior parte de os nossos correspondentes, contra toda a nossa expectativa, approvaram-nos para fazer decharada, ou politica a que o nosso jornal de hoje alguma pode fazer com.
N.º 9.

- Ex.ºº Sr. José Joaquim Rodrigues de Freitas... 23
a Fontes Pereira de Mello... 11
S. A. Sr. D. Carlos de Beagança... 6
Ex.ºº Sr. Manuel d'Arriaga... 6
a Bortalho Pinheiro... 2
a Assalino Bruncamp... 2
S. M. Sr. D. Luiz de Beagança... 4
Ex.ºº Sr. Raulinho Ortigo... 2
S. M. Sr. D. Miguel... 1
Ex.ºº Sr. Magalhães Lima... 1

CASO DIFFICIL N.º 17.

Ninguém deveria pagar a loça; a porra de uma lei sem pimento...
Paris. — Rio de Janeiro.

Indemisar o dono da loça depois de ter sido pago pela malha das dezpetas que teve com a grana partida.
Paris. — Rio de Janeiro.

ENIGMA N.º 22.

Tantas vezes me o sustento de peço até que li de fice a peço.
Paris. — Rio de Janeiro.

Em Portugal não foi desfrado. Do Brazil si não sabemos coisa alguma.

N.º 8.

EXERCICIO N.º 24.

Foi tal o numero de propostas que recebemos para este Passatempo que por falta de espaço apenas publicamos aquellas que, em maior numero, voltaram no mesmo individuo, para a mesma pasta.

FAZENDA. — Ex.ºº Sr. Rodrigues de Freitas. 17 votos
GUERRA. — Ex.ºº Sr. Elias Garcia. 9

Indignaram-nos mais, segundo a convicção politica de cada proponente, os Ex.ºº Srs. Theophylo Braga, Rualinho Ortigo, Bruncamp, Alex. Braga, Dias Ferreira, Mariano Carvalho, Magalhães Lima, Emydio d'Alveira, Julio Vilhena, Manuel d'Arriaga, visconde de S. Ja...

naario. Sousa Brando, João de Lamea, Latino Coelho, Dr. José Luciano Xavier, etc., etc.

CHARADAS
N.º 10. — Pancaripia.
N.º 11. — Liboa.

N.º 12.

Liboa e peo veras, avo m comos e a am achadas.

Estão dadas as decifrações de todos os Passatempo...
N.º 13.

AVISO

Não é possível obtermos dos nossos charadistas uniformidade na redacção dos seus sobrescritos; dahi um extraviio enorme de cartas.
N.º 14.

ADRESSE

FRANCE
PASSATEMPO. — ILLUSTRATION.
6, rue St-Petersbourg.
PARIS.

CORRESPONDENCIA

Paris. — J. J. M. — Recebemos e agradecemos. As charadas são todas publicadas; as enigmas, nem uma.
Paris. — J. J. M. — Recebemos e agradecemos. As charadas são todas publicadas; as enigmas, nem uma.

Paris. — J. J. M. — Recebemos e agradecemos. As charadas são todas publicadas; as enigmas, nem uma.

Contraccioso. — Negocios civis e commerciaes; correspondencia, cobranças, heranças.
Admistracão de propriedades em França.
Escrever ao Director do Contencioso dos 4 arrondissements, — 12, boulevard de la Villette, — Paris.

Em resposta a muitos pedidos de esclarecimentos que nos têm sido feitos relativamente aos Estatutos do caso DUSSEK, julgamos dever aconselhar o emprego d'estes preparandos que gosam d'uma grande reputação e são usados ha muitos annos com oprimae usaq; n'esta gão de productos, os mais antigos são os medeiros, e n'este caso se acham os Estatutos do DUSSEK. — Paris, rue Jean-Baptiste-Rousseau n.º 7, e em todas as farmácias perfumarias.

